

Como os brasileiros pensam a seleção

PÁTRIA DE CHUTEIRAS?

O futebol é rico em imagens e representações da coletividade. Seja no estilo de jogo, nas celebrações dos torcedores ou na forma de organização administrativa, o esporte costuma revelar traços de uma cultura. No Brasil, não é diferente. Qualidades atribuídas ao nosso futebol são tidas como características típicas de ser brasileiro. Mas a identidade nacional associada a esse esporte persiste hoje como em décadas anteriores? Neste artigo, pretendemos tecer alguns comentários sobre a atual relação do brasileiro com a seleção de seu país.

Ronaldo Helal
Faculdade de Comunicação Social
e Programa de Pós-graduação em Comunicação,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O estilo de jogo e as celebrações dos torcedores são publicamente reconhecidos no Brasil como traços nacionais. Em um plano, temos o tão celebrado 'futebol-arte' glorificado como a forma genuína de nosso suposto estilo de jogo, e o entusiasmo e os diversos modos de torcer como características típicas de ser brasileiro. Mas, no plano organizacional, não encontramos determinados aspectos, como a estrutura administrativa – alvo de ataques e denúncias de corrupção –, uma vez que eles falam de algo indesejado da cultura: a política de troca de favores na resolução de obstáculos da vida cotidiana. Nesse sentido, tais traços – que falam do lado mais perverso e indesejado do 'jeitinho' brasileiro – não são exaltados como representativos do Brasil que idealizamos.

FOTO: FABIANO ACCORSI/FILIPRESS

>>>

Como avaliar então a atual relação do brasileiro com a seleção de seu país?

Lembremos de um acontecimento que ocorreu no ano 2000, fim de um século/milênio e início de outro. Pouco antes da publicação de *A invenção do país do futebol*, primeiro livro do meu grupo de pesquisa 'Esporte e Cultura', o antropólogo Hugo Lovisol, coautor da referida obra, ao ser perguntado pelo repórter Pedro Gueiros, de *O Globo* (01/10/2000), sobre os impactos da derrota do futebol brasileiro nas Olimpíadas, respondeu diretamente: "Nenhum. O orgulho nacional não sofre mais com as derrotas. Há uma diversificação de interesses em outras modalidades de esporte e lazer, o futebol já não tem tanto peso". E concluiu: "a pátria calça chuteiras cada vez menores", em alusão a uma famosa imagem brasileira, a 'pátria de chuteiras', cunhada pelo dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues para expressar a relação entre identidade nacional e seleção de futebol.

Mais do que a sentença proferida pelo meu amigo e companheiro de trabalho, o que mais me surpreendeu foi o que o editor fez no processo de edição da entrevista. A manchete da matéria, publicada no dia seguinte, estampava a frase do antropólogo: "A pátria calça chuteiras cada vez menores". Seria possível essa manchete algumas décadas antes?

Certo radicalismo à parte, a frase expressava um sentimento que começava a se divisar naquele fim de século. De fato, se compararmos a situação atual com a carga emocional expressa na derrota da Copa de 1950 ou na conquista do tricampeonato em 1970, podemos mesmo especular sobre o fato de estarmos assistindo a um declínio do interesse pelo futebol, ou melhor, pela seleção brasileira. Hoje, ao contrário de décadas atrás, seria lícito perguntar, afinal, se o Brasil está deixando de ser o país do futebol.

Ainda país do futebol? Repetido diversas vezes e vendido para o exterior como uma das imagens que melhor retrata o nosso país, o epíteto 'Brasil: país do futebol' merece uma investigação mais cuidadosa. Ele contém uma expressiva força simbólica que contribuiu para a construção da nossa identidade. Internamente o utilizamos, quase sempre, com um viés positivo, como uma maneira de nos sentirmos membros de uma nação singular, mais alegre – mesmo diante de evidências que nos levam a especular ser essa singularidade mais global do que se imagina, e ainda diante da diminuição do impacto que as vitórias e as derrotas da nossa seleção vêm trazendo para a sociedade. Observemos, no entanto, que esse epíteto é utilizado às vezes como algo negativo, querendo significar que este não é um país sério, que tudo acaba em samba e futebol. Mas vou me ater aqui a seu uso de forma positiva, já que ele seria o mais frequente.

Nesse sentido, soaria até hereesia perguntar: somos mesmo o país do futebol? Certamente os meios de comunicação de massa dedicam ao futebol um espaço considerável. É um dos assuntos mais discutidos nas segundas-feiras após partidas importantes do campeonato brasileiro. E o que dizer de nosso envolvimento em época de copas do mundo? Uma intensa manifestação coletiva, sem dúvida.

Mas é certo também que isso ocorre em outras nações. A Itália e a Argentina também não seriam 'países do futebol'? O comportamento da mídia, dos aficionados e da população de uma forma geral não seria semelhante ao que ocorre no Brasil? A mobilização de uma nação por meio do esporte não é exclusividade brasileira. Nos Estados Unidos, por exemplo, país que se orgulha de seu sistema político, econômico e educacional, presenciamos a difusão de três modalidades esportivas: o basquete, o futebol americano e o beisebol (sem contar com o hóquei no gelo, muito difundido no norte da sua costa leste). A televisão e os jornais americanos dedicam um espaço enorme aos eventos esportivos. Nem por isso os norte-americanos se referem a si mesmos como o país do beisebol, do basquete ou do futebol americano.

Essas evidências nos levam a concluir que a ideia do 'país do futebol' foi uma 'construção' histórica que teve um papel importante na formação da nossa identidade. Não negamos a sua força nem sua eficácia simbólica, mas começamos a questionar o papel dessa representação na virada do século, bem como a atual intensidade de seu impacto no cotidiano brasileiro.

Se a paixão pelo futebol é um fenômeno que ocorre em diversos países do mundo, o que nos diferencia seria a forma como nos utilizamos dele para construirmos nossa identidade e conquistas em competições internacionais. Observemos, no entanto, que ser um aficionado não significa necessariamente se valer do futebol como metáfora do país.

Muitas celebrações não transcendem o universo esportivo: elas fazem parte do espetáculo e do cotidiano dos que acompanham o futebol. Atualmente, em época de Copa do Mundo, por exemplo, temos a nítida sensação de que aqueles que acompanham o futebol no dia a dia encaram a competição como um expressivo evento esportivo, certamente emocionante e de qualidade superior devido ao alto nível técnico dos jogadores que compõem as seleções, mas não fazem da seleção a 'pátria de chuteiras'. Hoje observamos que muitos torcedores preferem ver o seu time ser campeão brasileiro ou da Taça Libertadores do que a seleção ganhar uma Copa do Mundo.



Tratamento heterogêneo

Ainda assim, é em períodos de copas do mundo que o epíteto 'Brasil: país do futebol' ganha uma dimensão mais intensa. Chamo a atenção, porém, para o fato de que mesmo aqui as narrativas jornalísticas em torno da seleção já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação. Se a derrota na final para o Uruguai em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 foram interpretadas como derrota e vitória de projetos de nação brasileira, as vitórias em 1994 e 2002 e a derrota na final para a França em 1998 (e também nas quartas-de-final em 2006 e 2010) não transcenderam o terreno esportivo e foram comemoradas e sofridas como vitórias e derrotas esportivas.

A Copa do Mundo possui uma estrutura narrativa que estimula os nacionalismos. O encanto da competição encontra-se justamente no fato de 'fingirmos' acreditar que as nações estão representadas por 11 jogadores. O futebol não é a nação, mas a crença de que é ele que move as paixões durante um Mundial. Mas ao compararmos a situação atual com a carga emocional de 1950 e 1970, especulamos sobre a possibilidade de estarmos

assistindo a um declínio do interesse pelo futebol como emblema da nação.

Parte dessa especulação foi mais bem elaborada no artigo 'O declínio da pátria de chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002', que escrevi junto com Antonio Jorge Gonçalves Soares. Nessa ocasião, analisamos as matérias do *Jornal do Brasil* durante o evento e concluímos que, apesar de o futebol ainda operar como um mecanismo integrador/totalizador, seus agentes não mais trabalham no sentido dessa associação, de modo claro e consciente como nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

O 'país do futebol' foi uma 'construção' social realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do 'estado-nação', acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade. Foi a partir dos anos 1930 que se apresentaram novas formas de conceituar o

país. Se antes, pelas lentes de um acadêmico como Francisco de Oliveira Vianna (1883-1951), a miscigenação racial era vista como uma explicação para o ‘atraso’ do país, a partir da obra clássica de Gilberto Freyre (1900-1997) *Casa Grande e Senzala*, a mistura passa a ser entendida como um valor positivo e força maior da população brasileira.

Dentro do projeto nacionalista e integracionista do Estado Novo, essa forma de entender a cultura se consolida no país. Nesse sentido, Mário Filho (1908-1966), um dos fundadores do jornalismo esportivo no Brasil, foi fundamental para o uso do futebol como um meio de se ‘construir’ uma ideia de nação. Filho era amigo de Freyre, que prefaciou sua obra mais conhecida, *O negro no futebol brasileiro*, em que a junção do futebol com a nação se torna mais evidente. Freyre, por sua vez, escreve em sua coluna no *Diário de Pernambuco* (18/06/1938), ‘Foot-ball mulato’, artigo fundamental para a simbologia do futebol. Nesse texto, Freyre louva a miscigenação racial e afirma que ela funda certo estilo de jogo que seria típico do Brasil – uma tal “dança dionisíaca”, que tempos depois se convencionou chamar de ‘futebol-arte’.

Freyre e Filho foram agentes fundamentais do sucesso da ‘construção’ do ‘país do futebol’. A eficácia dessa construção, ainda que a problematizemos aqui, pode ser verificada até os dias de hoje, principalmente no momento em que o país se prepara para sediar a Copa.

O que reitero aqui é que, ao contrário de décadas atrás, hoje seria lícito perguntar se o Brasil estaria deixando de ser o ‘país do futebol’. Em artigo escrito em parceria com César Gordon Junior, ‘A crise do futebol brasileiro: perspectiva para o século 21’, suspeitamos que a tendência da globalização da cultura em curso, que teve nos esportes um veículo de encontro, de apropriações entre os diferentes estados-nações, estaria transformando a identidade nacional, sintetizada como narrativa homogênea na ‘pátria de chuteiras’.

O jogador que veste a camisa nacional também representa clubes da Europa, além de empresas multinacionais. As marcas empresariais estão amalgamadas com o fenômeno esportivo. Neymar, por exemplo, pode ser ídolo de brasileiros, mas também de espanhóis. As camisas e os produtos associados a ele são vendidos em todas as partes do mundo. A televisão transmite em tempo real um jogo do Barcelona para todos os continentes.

Esse processo de desterritorialização do ídolo e do futebol cria um novo processo de identidade cultural. Ao se enaltecer o futebol como um produto a ser consumido em um mercado de entretenimento cada vez mais diversificado, sem um projeto que o articule a tais instâncias mais inclusivas, o que se consegue é esgarçar



cada vez mais o vínculo estabelecido em décadas passadas, sob a influência de Gilberto Freyre e de Mário Filho.

As vitórias e derrotas da seleção em copas do mundo produzem celebrações e tristezas coletivas. No entanto, não são mais vividas como vitórias ou derrotas de um projeto de nação brasileira. Nesse sentido, não somos mais o ‘país do futebol’ como décadas atrás e a seleção não é mais a ‘pátria de chuteiras’ nos moldes colocados por Nelson Rodrigues. Isso não é ruim, nem bom. Simplesmente é. E pode ser também o resultado do processo de consolidação da democracia e da organização da sociedade civil no país.

Ópio de quem? Especulo também sobre a relação de causa e efeito entre futebol, política e eleições, que sempre vem à tona em época de Copa do Mundo. Governos autoritários já se utilizaram do futebol para fins políticos, como o Brasil em 1970 e a Argentina em 1978. Porém, o uso desse esporte com tais propósitos nem sempre foi eficaz. Mesmo após a conquista do tricampeonato em 1970, o partido da oposição – o então MDB – venceu as eleições de 1974.

A equação futebol-política não se sustenta diante das evidências. O futebol é o ‘ópio do povo’ porque paramos para ver o Brasil na Copa? Então seria o ópio das elites também, já que elas também param nesse período.

Sem contar que em vários países ocorre o mesmo. Se seguirmos com a ideia de que esse esporte ‘narcotiza’ a população porque não se pensa em outra coisa em tempos de Copa, temos que admitir então que o sexo, as novelas, o carnaval, a praia e o chope com os amigos também seriam ‘ópio do povo’. Ou se pensa em política quando fazemos sexo? Isso não significa que o resultado final de uma Copa afete as eleições presidenciais no Brasil. As últimas evidências – 1998, 2002, 2006 e 2010 – têm demonstrado que não.

No artigo ‘Salve a seleção! Mídia, identidade nacional e Copa das Confederações 2013’, escrito em parceria com Álvaro do Cabo e Carmelo Silva, questionamos o que poderiam indicar a vitória da seleção na Copa das Confederações e as manifestações populares, considerando que a competição é vista como um ‘ensaio geral’ para a Copa do Mundo. O raciocínio simplista que acredita que quem protesta durante o evento não gosta de futebol é frágil e não se sustenta após uma análise mais criteriosa. Uma coisa não exclui a outra.

Se o futebol foi um dos fatores primordiais de integração nacional, sendo a seleção motivo de orgulho e identificação para os brasileiros, qual seria o seu papel no século 21? Continuar resgatando sentimentos nacionalistas por meio das atuações da seleção ou estimulá-los despertando a população para a crítica política?

O torcedor de Copa ainda conserva seu ‘nacionalismo quadrienal’, atrelado à seleção e, dentre os países que foram sedes de mundiais, o Brasil foi o que vendeu ingressos mais rapidamente e aquele em que os habitantes compraram o maior percentual das entradas.

De qualquer modo, a ‘pátria de chuteiras’ perdeu muito da antiga carga simbólica e, nesse sentido, a sentença de Hugo Lovisolo mencionada no início do artigo continua mais viva do que nunca: “A pátria calça chuteiras cada vez menores”. 

Sugestões para leitura

- HELAL, R.; CABO, A. E SILVA, C. ‘Salve a seleção! Mídia, identidade nacional e Copa das Confederações 2013’, em HELAL, R. e CABO, A. *Copas do Mundo: Comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ/CNPq, 2014.
- HELAL, R. e SOARES, A. J. G. ‘O declínio da pátria de chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002’, em FIGUEIREDO, V. L. F. de; GOMES, R. G. e PEREIRA, M. (Orgs.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2004, p. 257-277.
- GORDON JR., C. e HELAL, R. ‘A crise do futebol brasileiro: perspectiva para o século XXI’, em *Eco-Pós*. Rio de Janeiro, UFRJ, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.